

Virgílio do Rosário: partilhar a Arte e a Ciência

Virgílio do Rosário: sharing art and science

Virgílio do Rosário: partager l'art et la science

Paula Fortunato

Jornalista e Editora assistente dos ANAIS do IHMT

Estamos mais habituados a pensar em Virgílio do Rosário na sua vertente de defensor da ciência e promotor da disseminação do conhecimento, nomeadamente como investigador, professor e antigo coordenador do Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT) que ajudou a disseminar estudos nessa área.

Mas, além de ser exemplo e estímulo de produção científica e pedagógica, o investigador tem uma forte ligação às artes, onde encontra a sua tranquilidade.

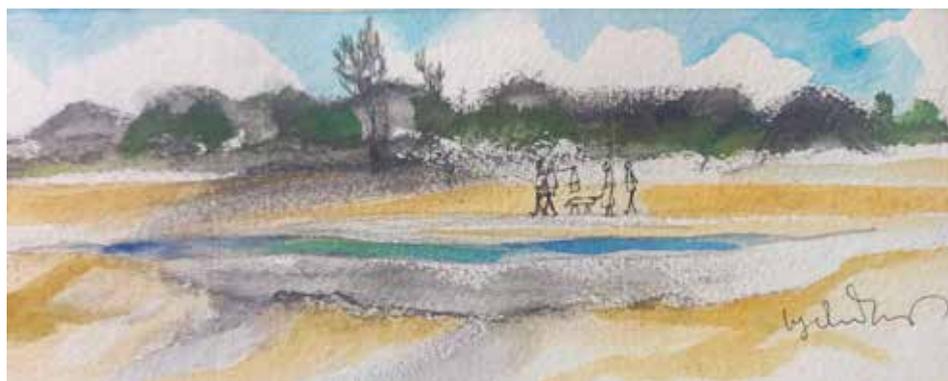


Figura 1: Moçambique 2023

“Pintar, ler ou escrever são atividades que tranquilizam”, garante. “O trabalho científico e académico é exigente e nem sempre gratificante, pois há um mundo de solicitações e personalidades. Na arte escolhe-se o ambiente, de preferência, silencioso”, enquadra, tendo como pano de fundo as obras que aqui reproduzimos e que nos transportam para um espaço que descreve como de “calmaria e silêncio”.

Mas que imagens são estas que aqui está a partilhar, quisemos saber. “Imagens de Moçambique, praia da Macaneta, onde predomina a calmaria, o silêncio e o ruído distante de pescadores ou caminhantes. Há cães, macacos atrevidos,

alforrecas e rara gente. Aqui recupera-se a tranquilidade perdida nas grandes áreas urbanas”. Mas o artista não está em busca de recuperar “a tranquilidade perdida” seja nas “grandes áreas urbanas”, seja nos ambientes de trabalho, com o seu esse excesso de solicitações. “Vivo e convivo bem em áreas urbanas e em zonas mal habitadas. Adaptamo-nos”. A capacidade de adaptação, sinónimo de resiliência, traduz-se tantas vezes em superação e sobrevivência do ser humano mesmo nos cenários mais adversos.

Também não está a representar nos seus quadros a medicina tropical pois considera que “são mundos distintos” e que não se complementam. Aliás, se há uma componente de tropicalidade marcante nas suas pinturas será pela escolha natural de cores e tons fortes, mas faz igualmente “arte abstracta ou arte bem desenhada”, sem essa tropicalidade.

Já sobre a arte e as ciências, em geral, considera que “são similares pois ambas levantam dúvidas e colocam questões e exigem uma reacção”.

De certa forma, para quem observa as paisagens e as personagens que cria ou recria, as suas pinceladas estão precisamente a gerar reacção e contemplação de



Figura 2: Moçambique 2023



Figura 3: Moçambique 2024



Figura 4: Moçambique 2024

vida, silêncio e espaço de reflexão, traduzindo momentos que todos necessitamos desfrutar.

A pintura surgiu na sua vida aos 20 anos, altura em que “em contacto com o Núcleo de Arte de Lourenço Marques em Moçambique, fiz o primeiro curso”. É que, além do prazer da pintura, Virgílio do Rosário fez questão de trabalhar as técnicas, razão pela qual completou, em diversas escolas, outras formações. “Seguiram-se cursos em Lisboa, Málaga, Edinburg, Ullapool”... Gosta de experienciar e pinta em várias técnicas e recorrendo a diferentes materiais, fazendo, com agrado, técnica mista.

A ilustrar este artigo apresentamos várias aguarelas, pintadas no verão de 2024. A aguarela é uma das técnicas a que recorre, definindo-a como de maior fluidez. “Na aguarela há mais facilidade em misturar e diluir as cores”.

Sob o nosso olhar, enviesado pelo conhecimento do importante currículo científico, contemplamos os quadros e procuramos mensagens subliminares de contextos sanitários que enquadrámos com leituras sobre ‘uma só saúde’... Procuramos a interseção da

arte e da ciência, mas Virgílio do Rosário depressa nos explica que vemos moinhos onde, afinal, há gigantes. “Em África tudo é mais devagar. Vive-se em calma nalguns lugares. Noutros há o pior dos mundos. E vive-se menos. Estes quadros representam, sobretudo, o espaço e a distância”. Então e as nossas leituras? “O *one health* seria arte abstracta, com leituras distintas para observadores distintos. O *one health* tornou-se um conceito pouco realista”, frisa.

Quisemos conhecer as motivações e se havia na pintura de Virgílio do Rosário alguma influência dos estados de espírito. Encontramos na sua explicação o verdadeiro ponto de confluência entre a ciência e a arte: “Produzo em dias e horas marcados. O sentido de disciplina na ciência e na arte são cruciais. Exijo de mim 3 a 6 horas semanais de atelier e visitas regulares a museus”. O método científico aplicado à criação artística, num pintor prolífico que gosta de expor porque “é bom partilhar”, independentemente de quaisquer objetivos de venda.

Uma partilha que quisemos perpetuar nesta edição dos ANAIS do IHMT.

Nota biográfica:

Virgílio do Rosário, veterinário por Licenciatura (1970), doutorou-se em Genética de Doenças Tropicais na Universidade de Edinburg, Reino Unido (1975). Aqui estudou Arte na Bridge School of Art em Ullapool e na Leith School of Art em Edinburg.

Continuou a fazer cursos de verão em locais diversos, sobretudo em Málaga e Lisboa aprendendo técnicas diferentes, as mais variadas. Os seus trabalhos foram expostos em vários locais, com exposições colectivas ou individuais em Lisboa, Ullapool, Edinburg e Málaga e dá aulas sobre técnicas básicas, a pedido.